

o desprezo com que são tratadas as riquezas naturaes de que a Providencia tão prodigamente dotou estes povos indolentes. Para as culturas não empregam capital algum, nem fazem a menor despeza, porque os unicos instrumentos de que para isso se servem são as enchadas feitas por elles mesmos. Os trabalhos são executados por elles e pelas mulheres e filhos, empregando-se n'isso mui pouco tempo.

Apanham o mineral de ferro, que derretem, e d'onde separã o metal, com o qual fabricam quanto precisam para seu proprio uso, como enchadas, machados, azagaias, flechas, facas e tudo mais que carecem: estas ferramentas em lingua Marave chamam-se respectivamente Mapája, Báro, Dipa, Misséve e Xissu.

As suas obras, posto que não tenham perfeição, e apresentem grosseiras fórmãs, são fortes e adaptadas ao trabalho que se pretende fazer. Não sei se nós aprendemos d'elles, ou elles de nós, a minerar o ouro; eu inclino-me á primeira hypothese, e sem receio de errar. Empregam-se quasi geralmente em fazer esteiras de canna, a que chamam Lupaça, Quitundos, ou cestos, e Quiceiros, ou bandejas: estes são feitos de tiras de bambu muito finas, e tecidas de tal fóрма que conservam liquidos como se fossem vasos de louça.

Pouco uso fazem da carne e peixe, mas quando se servem d'estes alimentos, é depois de postos ao sol, sem sal, e de estarem meios corruptos, então os cozem em agua, e os comem. É n'este estado de corrupção que lhes acham gosto, porque estão maduros; sem putrefacção não o tem, porque estão verdes, como elles dizem. A excepção dos Gangas ninguem mais faz uso de ossos.

Do marfim que lhes fornecem os dentes dos elephantes fazem manilhas para os pulsos e pernas, por meio de tornos muito grosseiros, mas que preenchem os fins: aos torneiros que as fabricam chamam Inxéca. Das pontas de alguns animaes, e mesmo do pequeno marfim, fazem umas cornetas, abrindo um orificio ao lado, na extremidade mais delgada, e tiram d'ellas sons agudos e fortes, algum tanto semelhantes aos das cornetas europeas. Chamam a estes instrumentos

Chimbututo, que não têm outra serventia mais do que para as suas folias, e para dar signaes. Das pontas dos animaes fazem canos para os folles, e contos das azagaias.

Fazem grande uso de pelles de cabras e ovelhas para se vestirem, com preferencia a tudo mais; preparam-nas elles mesmos, do modo seguinte. Em quanto a pelle está verde estendem-na, quanto baste para enxuga-la um pouco, e depois, com uma pedra aspera, tiram-lhe todos os bocados de carne e corpos estranhos que tem pegados, e quando está totalmente limpa esfregam-na com Mendobim pisado, que, largando pela fricção o oleo na pelle, a amollece ao ponto de ficar branda como panno: esta operação leva-lhes dias, durante os quaes nunca a largam das mãos. Costumam ordinariamente deixar-lhe o cabello todo, mas alguns ha que com a mesma pedra lh'o tiram, conservando-lhe apenas uma orla que parece um debrum: é depois de assim preparadas que se servem d'ellas para se cobrirem.

Os folles de que usam os ferreiros são de pelles, preparadas do mesmo modo, mas que, sendo tiradas inteiras do animal, como para um odre, ficam iguaes aos folles de que usam os caldeireiros volantes da Europa.

Das pelles assim tiradas e preparadas, e com a mesma fórma de odres, mas de pequenos animaes, fazem bolças ou saccos, onde guardam e conduzem miudezas, dando-lhes o mesmo uso que nós ás algibeiras: as pelles que mais estimam para isso são as de macacos, gatos mansos e bravos, arganazes, e as de uma infinidade de animalejos que ha pelo sertão. A estas bolças ou saccos chamam Inhabúdo.

Nos rios e lagoas em que ha cavallos-marinhos, pescam-nos ou caçam-nos, na agua com harpão, e em terra com laços. D'estes animaes sómente aproveitam a carne. Empregam-se pouco na caça dos elefantes.

O bambu, de que ha grande abundancia, é a planta mais util que possui este povo, e de que tira maior proveito. D'elle formam as caixas e os tectos das Nhumbas; fazem igualmente cestos, bandejas e cabazes, tecidos de tal fórma que enchendo-se de liquido nada vertem; e se houvesse quem os ensinasse, poderiam fazer barcos proprios para os seus rios.

Deixam-n'as apenas amontoadas em espiga, e preservadas do tempo no meio das ruas da Muzi; e d'alli vão tirando o que precisam, e não receam que n'ellas se commetta o mais pequeno roubo. Todos os animaes granivoros da povoação sustentam-se do mantimento que está amontoado, sem que a gente se importe com isso.

Pouco uso fazem de pelles para vestir-se, pois que geralmente usam de Nhandas, as quaes obtêm das diversas qualidades de arvores de que abunda o sertão. Para as fabricar extraem da arvore o tecido cellular em pedaços do comprimento de palmo e meio a dois palmos, o que praticam na estação da seiva, porque a experiencia lhes tem ensinado que é então que elle se despega com mais facilidade e mais direito: para isso cortam pequenas pernadas de duas pollegadas de diametro, ou ainda menos, pois que quanto mais grosso é o lenho, mais grosseiro e ordinario é o pano. Feita esta primeira operação, e obtidos os bocados de tecido cellular, fazem d'elles grande sortimento, que guardam, depois de bem seccos á sombra, e que conservam assim muitos mezes, e mesmo annos, segundo a precisão que têm. Em quanto estão seccos, como havemos dito, tanto na côr, como na configuração, parecem bocados e molhos de canella, mas sem cheiro algum, e apenas têm um pequeno gosto adstringente.

O segundo processo consiste em metter a porção d'estas cascas seccas, e de que carecem, em um rio ou lagôa, sendo enterradas na arêa ou lôdo, debaixo d'agua, onde as conservam o tempo necessario para adquirirem a flexibilidade conveniente, e quando se acham promptas as tiram e enchugam levemente; depois, sobré uma pedra liza, as vão batendo com maceles de páo, feitos expressamente para este mister, pela mesma maneira e com o mesmo fim que se pratica nas fabricas de sola depois d'esta estar cortida, para a alizar e estender. Com esta ultima operação estendem-se e alizam-se as Nhandas, de modo que ficam semelhantes a uns pannos côr de ganga torrada, ou côr da terra em que estiveram enterradas. Se, por acaso, rebentam em alguma parte, como nos logares onde ha nó; em summa, se apparece al-

gum buraco, cozem a parte rota, ou remendam-na com fazenda da mesma especie, usando de linha grossa enfiada em agulha feita de páo ou bambú. A estes pannos assim cozidos uns a outros dão o tamanho de que precisam para seu uso e vestuario, sendo sempre quadrilongos. Quasi todos os cafres d'esta parte da Africa para o norte dos Maraves, e estes tambem, são fabricantes d'esta fazenda. Das madeiras fazem os Chévas os mesmos instrumentos que os Maraves. Dos mineraes apenas empregam o barro para louça, e para os fornos de derreter o ferro, pelo modo que havemos descripto.

O Imbire-bire, ou grande tambor, que lhes serve para tocar a rebate, é um instrumento feito de um só páo, de figura conica (A)¹. Usa-se pondo-o com o vertice (d) para baixo e a base voltada para cima, a qual é coberta com uma pelle de vacca ou pelle de orelha d'elephante (a), sendo suspenso por uma corrêa de couro crú (e) em uma forquilha cravada no chão (b-b). Ordinariamente o instrumento tem uma braça de altura e tres palmos e meio de diametro na base. Quem o toca bate com toda a força na pelle com dois páos (d), que servem de baquetas.

III.

Os Chévas fazem pouco ou nenhum commercio, a não ser de viveres. Sómente alguns Mambos e Fumos mandam comprar e vender marfim, o que praticam com mais actividade desde que os Muizas emigrados povoam as suas terras, e são elles os Moçambazes que o vão comprar onde sabem que o ha, acon tecendo muitas vezes andarem um mez, e mais, de jornada para chegarem onde o possam obter mais em conta, e o mesmo fazem para o vender melhor. Vendem-no regularmente aos Angúros, povos que habitam as margens do Nhanja-Mucúro, ou Nhanja-grande, como havemos já mencionado.

A nação dos Chévas goza nesta parte da Africa de uma consideração politica muito vantajosa; o que é devido á sua numerosa população, ao modo como mantem a sua indepen-

¹ Veja-se estampa VIII.

Ao lado esquerdo da barraca estavam os tangedores de instrumentos, formados em grupos; e ao lado direito, mas mais distante, via-se o throno do Cazembe, porém, sem ornamentos, havendo simplesmente uma pelle de leão, sobre que estava a cadeira ou tamborete descoberto, o qual é de fórma quadrada, sem encosto, e feito dos páos das folhas da palmeira-tamareira silvestre; e é muito bem fabricado e forte.

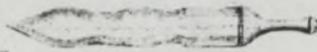
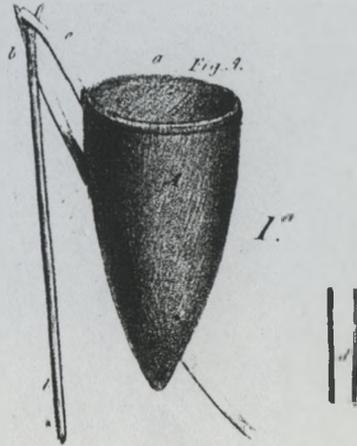
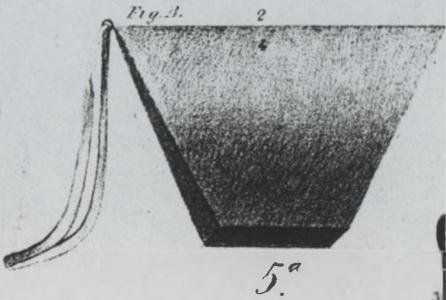
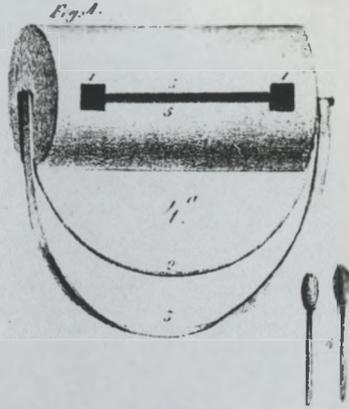
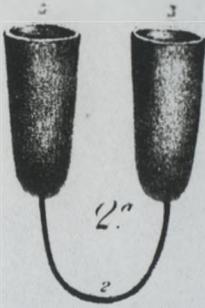
Dentro da barraca estava o Muata com as suas quatro mulheres principaes e alguns servidores, os quaes não se viam de fóra por ficarem encobertos com o reposteiro. Ouvia-se um canto monótono e rouco, que era do Cazembe, ao qual respondiam em côro as mencionadas pessoas. Passado um longo espaço, em que durou a cantilena, ficou tudo em silencio; depois do que se ouviu o estrondo de palmas, e safu um dos servidores, que veiu pedir ao commandante que mandasse dar uma descarga, o que se executou; depois d'isto continuou a cantilena por turnos, e com igual espaço de tempo, houve silencio, palmas e descarga.

Depois de uns vinte minutos de completo silencio, saíram dois negros, e postando-se aos lados exteriores da porta, correram o reposteiro, que levantaram ao modo de panno de theatro, e appareceu o Muata com o rosto barrado de Impemba, e vestido com o maior apparatus; e apoz elle vieram as mulheres e os mais que lá estavam, porém, sómente as mulheres traziam os rostos barrados de Impemba.

Logo que o Cazembe safu começou a passear pela frente da barraca a passos graves; e chamando para mais perto de si os Quilôlos, principiou a fallar em voz alta, mas em lingua Campecóla. Indagado o caso, soubemos que dera uma reprehensão aos mesmos Quilôlos, por lhe não apresentarem viveres, marfim, cobre e escravos, para dar aos Mozungos. O seu discurso era acompanhado com o accionado, muitas vezes repetido, de desembainhar o Poucué², que é uma especie de grande faca de dois gumes, de dois palmos de comprido e quatro pollegadas de largo, a qual anda mettida em uma

² Vide estampa XIII.

Est. 8^a 11^a 13^a 14^a



- | | |
|-----------------------------|------------------------------------|
| 1 ^a — Imbirebire | Est. 8 ^a — Pag. 147. |
| 2 ^a — Giomali | Est. 11 ^a — Pag. 232. |
| 3 ^a — Poucuc | Est. 13 ^a — Pag. 276. |
| 4 ^a — Mondo | } Est. 14 ^a — Pag. 285. |
| 5 ^a — Clincajo | |



Tangedor de Clincuso.

lhada da cabeça até a cintura, sem exceptuar o cabello e rosto. E para isto procuram sempre terra vermelha.

Como crêem que a pessoa do Mambo não póde ser tocada por individuo algum, porque, pela virtude dos seus feitiços, se alguém o fizesse morreria sem remissão; e como não é possível deixar de haver algum contacto com elle, recorrem para isso a um meio, quando elle o permite, o qual é o seguinte: aquelle que dá ao Muata, ou recebe d'elle alguma cousa, ou que, por qualquer fórma, tem com elle o mais leve contacto, ainda mesmo que sómente seja nos vestidos, antes de retirar-se põem-se deante d'elle de joelhos, descançando as nadegas sobre os calcanhares, que é a posição que sempre tomam quando fallam com o Mambo; e então este estende uma das mãos, e logo aquelle que está de joelhos chega a ella a sua mão direita, e com as costas d'ella toca as costas da mão do Cazembe, logo retira-a com promptidão e dá um pequeno estalo com os dedos pollegar e grande; e depois volta a tocar com a palma a palma da mão do Muata, e retirando-a promptamente dá outro estalo com os mesmos dedos; e isto repete-se alternadamente palmas e costas de mão por quatro ou cinco vezes, e então o Mambo retira a mão, e o outro levanta-se e vae-se embora.

É crença entre os Cazembes que esta cerimonia é o unico preservativo da morte, e que sem ella seria inevitavel para quem tocasse na pessoa do Muata. E esta crença é devida, sem duvida, á sagacidade dos Mambos reinantes e dos seus Gangas, com o fim de tornar inviolavel a pessoa do soberano.

XIII.

Quanto aos monumentos que este povo possui, elles são os Máximos e o grande tambor Chambanqua, que o Muata apresenta nas suas solemnidades como um objecto de gloriosa recordação de seu pae.

XIV.

Uma das quatro primeiras mulheres do Cazembe deve ser Camrocóla, e o filho mais velho que d'ella tem é aquelle a

quem pertence a successão, e na falta d'elle ao parente mais chegado do Muata, com tanto que seja de raça pura dos Campocólos. A primeira mulher do actual Muata é d'esta raça, e é sua prima; e d'ella teve um filho unico, que mandou matar occultamente, com receio de que conspirasse contra elle. Direi aqui que entre os Cazembes o herdeiro de seu pae é geralmente o filho mais velho d'este.

Quando o Cazembe vê alguma mulher de quem se agrada, ou que ouvindo fallar de alguma, lhe dá vontade de a ter, manda-a buscar; e sendo recolhida na Gânda, é logo posta em confissão, dando-se-lhe tratos, se tanto é preciso, para que declare o que se quer saber; isto é, quem são os homens com quem tem tido communicação carnal. E em quanto isto se passa, o marido, se o tem, é preso, e tudo quanto possuiu lhe é confiscado, e elle em seguida mandado matar. Depois, á proporção que a mulher vae confessando quaes são os homens com quem ella tem tido coito, assim vão elles todos sendo decapitados. A confissão prolonga-se por muitos dias, durante os quaes está ella totalmente incommunicavel, excepto com a Cata-Dôfo, ou executora mór do serralho, que é quem lhe toma as declarações, e quem exclusivamente as communica ao Cazembe. Em quanto ella se lembra de denunciar victimas, ou em quanto dura a presumpção de existir alguma d'estas, é conservada n'este estado de reclusão; e é sómente quando o Mambo se persuade de que não existe nenhuma mais, que sáe da prisão e vae reunir-se ás outras mulheres d'elle. Se não tem marido, segue-se, apesar d'isso, a mesma pratica logo que é recebida na Gânda; e nunca, em caso algum, deixa de haver mortes, em maior ou menor quantidade, porque em geral as mulheres Cazembes, seja qual fór o seu estado ou classe, não se distinguem pela compostura dos costumes.

Estas occasiões são sempre aproveitadas para se exercerem actos de vingança; sendo facil o pretexto para isso, visto que não ha outro algum exame além da confissão ou declaração das mulheres encerradas, as quaes não costumam occultar cousa alguma a tal respeito; e tambem se inventa o que não disseram, quando isso faz conta.